

“O São João Também é Trans”


Resenha do filme de Thiago de Castro sobre a experiência das mulheres trans nas quadrilhas juninas de Sobral-CE

Hugo Menezes Neto¹

Os festejos juninos (ou o São João, como é popularmente chamado) – complexo festivo-ritualístico que se remete aos rituais pagãos do solstício de verão, apropriados pela igreja católica – celebram a culminância do ciclo de plantio e colheita, a fertilidade da terra e da humanidade, é o ritual do triunfo da vida sobre a morte. A quadrilha junina, sua manifestação cultural mais representativa, dramatiza tais elementos simbólicos encenando anualmente um casamento entre um noivo e uma noiva, comemorando a família, a procriação, a continuidade da vida e a abundância. Os casais formados por damas e cavalheiros festejam o enlace, e os noivos representam todos os outros casais cujos destinos, com vistas à manutenção da ordem social, convergem para o matrimônio. As quadrilhas juninas apresentam, portanto, como indica Rafael Noletto (2016), performances dançadas que giram em torno de noções corporificadas de ruralidade, conjugalidade, religiosidade e sexualidade - uma sexualidade heterossexual.

A quadrilha junina está presente em praticamente todo o Brasil, com consideráveis diferenças regionais. Podemos dizer, no entanto, que a estrutura em dança de pares – distinguindo os(as) participantes entre damas e cavalheiros – é a característica comum aos diversos grupos existentes. Não obstante, de mulheres cis / damas e homens cis /cavalheiros são esperadas atitudes diferenciadas e estereotipadas. Os espectadores querem ver a beleza e a graciosidade das damas, bem como a força e a garbo dos cavalheiros. Todavia, no Nordeste, as quadrilhas juninas envolvidas nos circuitos competitivos, aquelas de estética não-matuta, chamadas popularmente de estilizadas, cada vez mais intensamente agenciam essa lógica sexista, permitindo que sujeitos de diferentes identidades de gênero e de sexualidade, não apenas mulheres cis, dancem como damas e representem a corporalidade ligada a um tipo específico de feminino.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), doutor em Antropologia (UFRJ/IFCS), pesquisador das festas e das quadrilhas juninas.




O documentário dirigido por Thiago de Castro, “O São João Também é Trans”, lançado em 2018, é mais um importante trabalho com vistas a iluminar e analisar a participação de mulheres trans nas quadrilhas juninas na atualidade. A obra contribui com o debate agenciado por autores dedicados a pesquisar a participação de pessoas trans nessa manifestação cultural, na perspectiva de destacar elementos disruptivos das festas juninas, problematizando a experiência quadrilheira (MENEZES NETO, 2009, NOLETO, 2016; BARROSO, 2017; NASCIMENTO, 2017; MELO, 2018).

Trata-se, segundo o diretor do filme, “de um projeto² que retrata a inserção de mulheres transexuais na manifestação quadrilheira na cidade de Sobral³, no interior cearense”. Para ele, a quadrilha junina na cidade de Sobral é uma expressão cultural com significativo poder de agregação da diversidade, capaz de constituir um relevante espaço de afirmação das identidades LGBTTQIA+, com destaque para o público trans. Vale ressaltar que Thiago de Castro é um experiente quadrilheiro da cidade de Sobral, concilia sua vida artística, na produção da Quadrilha Junina Estrela do Luar, com a acadêmica. É doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), defendendo uma dissertação sobre o universo das quadrilhas sobralenses em 2018⁴, além de ser pesquisador vinculado ao NUSS (Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade da UFC). Sua relação com o movimento quadrilheiro por mais de quinze anos, aliada ao seu investimento em pesquisa acadêmica, o torna um profundo conhecedor dessa manifestação cultural e o coloca numa posição privilegiada para a pesquisa que promoveu, bagagem que o ajudou a acessar as interlocutoras e a transportar o tema escolhido para uma obra audiovisual.

² O projeto, explica o diretor, foi realizado pela Associação Cultural Estrela do Luar, sob a direção/produção de Thiago de Castro, foi posto em prática durante os meses de abril e maio de 2018, por meio da realização de entrevistas e da catalogação de material documental acerca da experiência de mulheres transexuais no interior da manifestação junina de Sobral. Projeto aprovado no “Edital Ação Jovem”, através do projeto “Estação das Artes”.

³ O município de Sobral localiza-se o interior do estado do Ceará, geograficamente instalado entre duas capitais, Fortaleza, a cerca de 230 km, e Teresina, localizada a 360 km. Com uma população de 208.935 habitantes, conforme estimativa do IBGE, em Sobral há uma intensa atividade do movimento quadrilheiro, com muitas quadrilhas em atividade. Sobre esse movimento Ver Castro (2018).

⁴ A dissertação intitulada “Política das relações quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE” (2018), analisa como movimentos vivenciados por determinados grupos da chamada cultura popular na contemporaneidade, indicando que suas transformações não se operam apenas no nível estético da arte que expressam publicamente, mas, sobretudo, nos processos sociais assumidos na construção da manifestação cultural, nos quais sensíveis alterações de perspectivas também são engendradas.



A ideia é registrar três interlocutoras a falar sobre suas vidas explorando a importância das suas quadrilhas juninas em seu cotidiano e para a construção de suas subjetividades. São elas: Andryky (Quadrilha Estrela do Luar), Helge (Quadrilha Fulô do Campo) e Islândia (Quadrilha Luar do Sertão). O filme, porém, não apresenta um perfil socioeconômico mais completo das entrevistadas, nem contextualiza o tema da transgeneralidade na cidade de Sobral, seriam elementos interessantes para fortalecer o argumento central que gira em torno de uma experiência quadrilheira especial vivenciada por elas. A falta dessas duas dimensões faz a audiência não compreender plenamente as peculiaridades da vida de uma mulher trans e artista popular no sertão nordestino.

A riqueza do documentário é a conexão entre as suas histórias de vida que se cruzam na relação de afeto e reconhecimento estabelecida entre elas e as suas quadrilhas, no respeito lá conquistado à revelia da condição de mulheres trans, e no processo de elaboração de subjetividades promovido pela experiência quadrilheira.

Na primeira parte do documentário as protagonistas falam a respeito de suas vidas, preconceito, aceitação social e conflitos familiares em decorrência de suas orientações sexual e de gênero, em especial Andrynyky e Islândia. Compõem suas narrativas a violência simbólica e física a qual foram submetidas desde a infância, em casa e na rua. A homofobia inicial se transforma, com as suas transições, em transfobia, o que as fazem iluminar narrativas de dificuldade, medo e superação.

O passado, para aquelas duas entrevistadas, foi pautado na forçosa tentativa de enquadramento. Como exemplifica Andrynyky ao afirmar que o seu pai queria a “transformar numa coisa que não era”, ou seja, almejava e atuava violentamente para que ela contemplasse a performance socialmente esperada de um menino cis, quando, ao contrário, já se identificava com o gênero feminino. Na sequência, Islândia, destaca que a quadrilha a “salvou” de um caminho visto por ela como comum a muitas pessoas trans da cidade: a relação com as drogas, a prostituição e a violência urbana. Pontua Islândia: “se eu não dançasse o São João eu hoje não seria essa Islândia. Poderia estar nas drogas ou poderia ser assassinada”. O intuito do filme, portanto, parece ser o de construir um arco dramático iniciado com a experiência de sofrimento e suplício do enquadramento que se perpetua numa vivência de exclusão social e violência. O arco é concluído com a aceitação social da sua nova condição de gênero quando passam a participar de suas quadrilhas e também com o reconhecimento de seu potencial criativo e talento artístico por parte dos demais quadrilheiros e quadrilheiras, dos julgadores e organizadores de concursos e da comunidade.

Na segunda metade, o filme destaca as narrativas dedicadas a contar como essas mulheres chegaram aos seus grupos, escaparam das tentativas de enquadramento e se tornaram damas. A quadrilha junina é elaborada como lugar seguro, de acolhimento da diversidade e reconhecimento social da diferença.

A partir de então, a participação de Helge é mais explorada. Ela foi a rainha do seu grupo no ano de 2005, uma função de destaque nos espetáculos juninos e, portanto, de grande visibilidade. Sua narrativa sinaliza a projeção que uma quadrilha pode oferecer quando abre espaço para o trabalho artístico de uma mulher trans em lugares importantes ocupados inicialmente por mulheres cis. Sua presença como rainha mexeu com a estrutura do concurso local, promoveu um debate acerca da existência das “rainhas trans” e da influência das quadrilhas “da capital” nas quais essas rainhas já se faziam presente. O filme não explora, entretanto, as tensões geradas por essa conquista de espaço. Segundo Helge, na quadrilha ela foi “aceita totalmente”, contudo, “a comunidade” não apoiou, o que a fez desistir de tentar o cargo novamente nos anos seguintes. O documentário embora apresente a informação não a transforma em dado para análise.

A força do documentário de Castro, se não é formular uma análise crítica profunda acerca da participação das mulheres trans nas quadrilhas de Sobral, concentra-se nas histórias de vida de suas personagens e na superação dessas quadrilheiras contra o preconceito, a exclusão, o estereótipo e a violência. Como efeito, concentra-se ainda em sinalizar o processo contínuo, lento e complexo de desconstrução da estrutura sexista e binária das quadrilhas juninas que ao incorporar as discussões vigentes sobre diversidade e aceitação já não obriga essas mulheres a dançar de cavalheiros. O filme alcança seus objetivos e reafirma a cultura popular como abrigo da discussão sobre corpos dissidentes e subversivos. Faço a ressalva, no entanto, que nesse momento do debate vale pensar em não superestimar essa desconstrução. Nos espetáculos juninos atuais, para atender às exigências tácitas (e por vezes regimentadas) dos concursos e da audiência, as mulheres trans devem apagar as diferenças corporais no intuito de se confundirem com as mulheres cis da quadrilha. Sua condição de pessoa trans deve passar despercebida à revelia da vontade individual de demarcar tal condição ou não. Elas devem se misturar às demais damas para parecerem com mulheres cis, heterossexuais, dançando com graça, leveza, feminilidade (e outros adjetivos constitutivos da ideia do feminino heteronormativo), compondo um par de opostos com seus cavalheiros. Rafael Noletto (2016), pensando nas quadrilhas de Belém do Pará, chama esse movimento de heterossexualidade e

cisgeneridade coreográfica, dispositivo de regulação dos corpos para conseguir o efeito de indistinção enquanto dançam.

Assim, se por um lado a presença de gays e mulheres trans dançando como damas aponta para um avanço político na discussão atual sobre representatividade e diversidade sexual e de gênero na cultura popular, por outro lado, inadvertidamente também aponta para o reforço do binarismo e para a manutenção dos estereótipos, uma vez que as quadrilhas juninas continuam dramatizando anualmente os códigos, valores e comportamentos corporais heteronormativos, inclusive tentando enquadrar os corpos e as corporalidades dissidentes dos seus brincantes. Nesses termos, a referida presença trans não subverte plenamente a estrutura. Não há espaço para as muitas experiências não binárias que podem tencionar os parâmetros pré-estabelecidos acerca de como devem dançar homens/cavalheiros e mulheres/damas. As pessoas trans saem de um polo ao outro da mesma estrutura dual, sem necessariamente questioná-la.

Em sua parte final, o filme oferece uma pista interessante acerca da complexidade da produção de sentidos e de subjetividades que o tema pode oferecer. A direção não propõe uma crítica à ausência de experimentações não binárias nas quadrilhas exatamente por apresentar os desejos individuais dessas mulheres entrevistadas em se misturarem e serem lidas pelo público como parte de um conjunto de mulheres cis na “quadra junina”⁵. Para Andrynky, a experiência quadrilheira constitui uma dimensão especial na percepção sobre si mesma. Em seus termos, é dançando na quadrilha que ela se sente realmente a Andrynky. Islândia enfatiza a sua felicidade em dançar como dama, utilizar toda a indumentária e se misturar as outras damas/mulheres cis. Segundo ela, a participação na quadrilha a ajudou a deixar de ser o “Tomás para ser a Islândia”. Ela diz: “desde o dia que eu botei uma saia, que eu fiz um marcapasso e que coloquei meu cabelo para trás, que disse: não, não é, para mim, dançar de homem mais”. Desde quando foi autorizada a dançar de mulher, ela comemorou não só a oportunidade oferecida pelo grupo, mas também a construção da dama, da rainha e da pessoa Islândia, “joguei purpurina para cima porque a minha felicidade é dançar de mulher (...) emoção, alegria de estar com aquele arranjo na minha cabeça, com aquela peruca, um vestido bonito, aí, agora sim eu sou a Islândia”.

Logo, o efeito de indistinção entre Andrynky, Islândia e as outras mulheres mostra-se no filme parte fundamental da potência da experiência quadrilheira. É isso, a

⁵ Em outros estados chamada de arraial, é o lugar onde as quadrilhas dançam em competição.

indistinação, exatamente o que essas mulheres entrevistadas desejam e por isso continuam envolvida com as suas quadrilhas. Para Andrynky, por exemplo, quando dança ela sente “a verdadeira mulher”. Ela conceitua essa experiência como “projeto”, e o projeto de ser dama se confunde com o de ser mulher. Nesse universo, tal projeto é constituído de três frentes: da preparação estética ou “montagem” (maquiagem, cabelo e figurino) com intuito da indistinação física; da preparação artístico-performática (promovida pelos ensaios) para dançar tal qual os atores do mundo social das quadrilhas esperam de uma dama; e da preparação emocional/subjetiva de modo a se perceberem plenamente integradas ao grupo e ao espetáculo tal qual as mulheres cis (forjando um efeito de grupo coeso e engajado dentro e fora da quadra). A indistinação, então, é o fundamento da experiência quadrilheira das entrevistadas, tanto quanto do projeto de serem mulheres-damas-quadrilheiras. Nas palavras de Andrynky:

É a festa mais maravilhosa, eu me realizo totalmente. É quando eu me sinto realmente a Andrynky, quando eu tô dando meu nome, quando tô dançando, quando estou me inspirando (...). São seis meses que eu me entrego totalmente, de corpo e alma [aos ensaios e à preparação] (...) Porque para mim é muito importante. Quando eu estou dentro de quadra eu me sinto a verdadeira mulher. (...) Só o prazer de vestir aquele vestido... todo aquele detalhe de vestir a meia, calçar o sapato, fazer penteado, colocar o arranjo... tudo o que uma mulher faz. Não é só ser uma travesti, vestir uma saia e uma blusa e sair na rua. Não. É **todo o projeto**, a gente fica realmente uma mulher. E quando a gente está dançando, porque a gente está lá como personagem, porque lá por debaixo do vestido ninguém sabe o que é, a gente está de vestido a gente é uma mulher. Por isso que eu me sinto muito mais mulher, porque eu sou vista como ‘aquela mulher ali que dança naquela quadrilha. Então eu sou apontada como a mulher... ‘aquela mulher que dança na ponta, aquela que está com o vestido tal’. Isso pra gente é muito prazeroso.

Islândia, todavia, participa de concursos de “Rainha G”, que são circuitos de concurso realizados em alguns estados do Norte e do Nordeste, no qual mulheres trans competem pelo título de rainha⁶. Essas competições se dão entre mulheres trans e homens gays performando damas, cada concorrente representando a sua quadrilha. Nesse tipo de concurso não há mulheres cis, assim, neles o mundo social das quadrilhas descortina a encenação cênica da dicotomia homens – cavalheiros e mulheres-damas, desestabilizando com mais vigor político a lógica sexista e binária da festa. O caso de Islândia ajuda a complexificar a questão ao indicar a possibilidade da experiência quadrilheira fornecer outras possibilidades para processos de construção de gênero que não necessariamente passem pela capacidade de adequação, integração ou de habilidade para esconder sua

⁶ Sobre os concursos de Rainhas G, Rainha da Diversidade ou Miss Mix, Ver Noletto 2016.

condição de pessoa trans. Na verdade é essa condição que lhe permite participar de outros circuitos e ser neles famosa, reconhecida e aceita.

O documentário mostra que participar/dançar quadrilha, para as interlocutoras escolhidas, não se trata de uma experiência apenas artística e estética, é também a de (re)arranjos subversivos dos sujeitos generificados, de construção questionadora de autopercepção e de reafirmação social dos gêneros com os quais se identificam. Assim, as quadrilhas juninas ao mesmo tempo em que estruturalmente reforçam binarismos de gênero e sexo, se apresentam como espaços de desestruturação da lógica linear sexo/gênero/sexualidade que engendra as relações sociais heteronormativas e patriarcais de nossa sociedade (Butler, 2003, 2008). Ou seja, o filme explora, com um interesse despretensioso e apaixonado, a produção de identidades de gênero forjada numa manifestação da cultura popular binária e heteronormativa que cada vez mais incorpora ao seu conceito a ideia de diversidade, conseqüentemente, a complexidade e as tensões dela constituinte. Partindo do princípio de que as tradições são agenciadas continuamente pelos artistas populares, Thiago de Castro acerta ao afirmar que hoje o São João também é trans.

Referências Bibliográficas

BARROSO, Hayeska C. “O São João é gay!!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. In Revista Periódicus. N. 6. V. 1, p. 179-197, 2017. Endereço: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>

BUTLER, Judith. **Problemas de Gêneros**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que Importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires, Barcelona, México, Paidós, 2008.

MELO, Liana de Q. “**Na minha quadrilha só tem gente que brilha**”: corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife/PE. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco Centro de Artes e Comunicação Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos. Recife, 2018.

MENEZES NETO, Hugo. **O Balancê no Arraial da Capital**: quadrilha e tradição no São João do Recife. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2008. O Balancê do Arraial da Capital Hugo Menezes Neto (2009).

NASCIMENTO, José Roberto. **Entre damas e “outras damas”**: um estudo sobre as travestilidades nas quadrilhas juninas da região metropolitana do Recife. Trabalho

de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Licenciatura em Dança. Recife, 2017.

NOLETO, Rafael da Silva. **“Brilham estrelas de São João!”**: gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém – PA. Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. São Paulo, 2016.

Ficha Técnica do filme São João Também é Trans:

Direção: Thiago de Castro Pesquisa: Thiago de Castro Roteiro: Thiago de Castro Direção de Produção: Thiago de Castro Cinegrafia: Ulysses Sousa Edição: Wellington Bessa Produção Artística: Wenderson Oliveira Entrevistadas: Islândia Nara; Andrynk; Helge Sousa Thilha Sonora: 1)Denilson Sousa - Solo da Rainha, Quadrilha Estrela do Luar 2018 2)Heitor Villa-Lobos, Ciranda N°15 - Que lindos olhos, CD Cirandas - Olinda Alessandrini.

Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=T35r1LJQFQc>

Recebido em: 14/11/2019

Aceito em: 14/12/2019